

Apresentação do número e do dossiê Sociologia e Erotismo

Neste número, trazemos o dossiê Sociologia e Erotismo. Nele encontramos uma coletânea de artigos que visa dar visibilidade e estímulo a investigações de cientistas sociais, especialmente os sociólogos, por fenômenos associados a questões erótico-sexuais. Após uma divisão social do trabalho rígida entre Sociologia e Antropologia vigente durante o século XX no Brasil, onde questões associadas ao trabalho e a modernização econômica ficaram a cargo da Sociologia e questões sobre dinâmicas do parentesco e diversões populares ficaram a cargos da Antropologia e do Folclore, atualmente há fortes sinais de que as agendas de pesquisas tornaram-se menos estanques.

O artigo inicial é do sociólogo holandês Cas Wouters, da Universidade de Utrech, que, aos poucos, torna-se mais conhecido no Brasil. Trata-se de um dos pesquisadores que desdobraram o estilo de pensamento do sociólogo alemão Norbert Elias, com uma agenda própria de pesquisa. Em “Nada de sexo sob o meu teto” ele propõe uma comparação entre diferentes tradições nacionais de experiência e de normatização da vida erótico-sexual na Holanda e nos Estados Unidos. Focando nos limites de aceitação social da prática sexual dos filhos dentro da casa dos pais, Wouters propõem uma visada processual sobre o tema.

Ele explora as transformações intergeracionais relacionadas aos padrões de alteração das normas familiares de regulação da vida erótico-sexual dos filhos a partir de livros de etiqueta e sexologia de ambos os países, associando o material a informações de outras dimensões da vida tais como acesso à escola e a alteração das posições de trabalho entre homens e mulheres. Certamente, a contribuição de Wouters abre novas dimensões para a investigação de fenômenos enfocados a partir de questões de gênero e sexualidade.

Apresentação do número e do dossiê Sociologia e Erotismo

Em seguida, temos o artigo “Erotismo dançante e as distâncias sociais entre homens e mulheres no Brasil”. Inspirado em abordagens de Norbert Elias e Cas Wouters, Fernando de Jesus Rodrigues e Letícia Souza assinalam a importância da discussão sobre as linguagens “erótico-dançantes” para a compreensão de estruturas de poder no Brasil contemporâneo. Interessados na ampliação de circuitos de bailes e discotecas em periferias, buscam propor uma fundamentação conceitual para compreender a significação de expressões erótico-dançantes sob uma perspectiva processual sócio-histórica.

Baseadas em experiências de pesquisa em diferentes cidades brasileiras, os autores perguntam sobre o significado da ampliação de linguagens erótico-sexuais nas músicas e danças performatizadas em bailes de periferia. Assim, abordam o entrelaçamento entre as transformações nos padrões de vida de grupos subalternos, as formas de controle do erotismo de homens e mulheres e as formas como os padrões contemporâneos de personalidade se expressam na liberdade erótica sexual associadas a ampliação desses espaços musicais-dançantes.

Em seguida, temos “Entre a resistência ao avanço do patamar de vergonha e o mal-estar: algumas considerações sobre a cena musical do pagode baiano”. A partir de notas etnográficas, Ledson Chagas busca uma interpretação das economias emocionais presentes em apresentações de pagode baiano, em Salvador. Propõe uma reflexão sobre a diferenciação de posições entre grupos “populares”, a partir da indicação de padrões de gosto e vergonha expressa em situações dançantes com fortes cargas de sentidos erótico-sexual. Ele problematiza os equilíbrios emocionais expressos nas ambivalências prazer/mal-estar nessas situações como parte de um tipo de fenômeno mais amplo, das cenas juvenis erótico-dançantes periféricas.

Apresentação do número e do dossiê Sociologia e Erotismo

Em seguida, o artigo “Grotesco desejo: erotismo, monstruosidade e internet desde a animação pornô”, Alexandre Eustáquio Teixeira discute a formação de imagens pornográficas difundidas na internet. Com foco em animações de monstros, ele avalia as ambivalências expressas em prazeres sexuais a partir do consumo de imagens de seres não humanos, vistos como abjetos. Ele destaca a formação de um nicho de mercado pornográfico a partir de dispositivos digitais calcado na exploração do prazer de imagens abarcadas pela qualificação do grotesco. Explora as interseções entre cenas e gestos erótico-sexuais humanos e transfiguração de tais matrizes gestuais para o mundo da animação de monstros. Nessa senda, ele problematiza os limites entre a experiência e a fantasia na medida em que a experiência com imagens pornográficas por meios digitais amplia o campo de experiências com a ficção fantasiosa.

Na sequência, temos a série de artigos deste número, iniciando por “Juventude e engajamento político despartidarizado: estudo sobre os egressos do Parlamento Jovem Brasileiro (2004-2013)”. Tomando por base a aplicação de um *survey* online entre egressos do parlamento jovem brasileiro, Antonio Teixeira de Barros e Lúcio Meireles Martins discutem as formas de participação e engajamento entre jovens. Destacam a preferência por formas de participação em instâncias representacionais não partidárias mas também externas às formas de participação política institucional, como os ativismos digitais, religioso e o associativismo comunitário. Um dos eixos do artigo é, justamente, chamar a atenção para as formas de engajamento não partidarizado dos jovens atualmente.

Ainda temos Olívia Cristina Perez que traz um balanço bibliográfico sobre pesquisas que trataram do fenômeno dos coletivos. Em “Coletivos: um balanço da literatura sobre as novas formas de mobilização da sociedade civil”, ela propõe

Apresentação do número e do dossiê Sociologia e Erotismo

uma avaliação minuciosa de tanto de estudos de caso quanto propostas de construções teórico-metodológicas para a abordagem do fenômeno.

Por fim, Breno Bittencourt Santos traz uma discussão sobre o consumo a partir de um repertório bibliográfico consagrado. Em “Cultura do consumo: da promessa de felicidade ao sofrimento psíquico”, explora os limites interpretativos de que a lógica do consumo seja uma medida satisfatória para se avaliar a felicidade e bem-estar, enfatizando os efeitos de sofrimento psíquico relacionado à cultura do consumo.

Uma boa leitura!

Fernando de Jesus Rodrigues

Marina Rebeca Saraiva

Paolo Totaro

Editores.